

# UMA REFLEXÃO CRÍTICA ACERCA DO INTERCULTURALISMO

Gislene Teixeira Coelho

Doutoranda UFJF

## RESUMO

Este trabalho propõe desenvolver um pensamento crítico em torno das relações entre as nações, movimento marcado ainda na contemporaneidade por uma situação de dependência e inferiorização dos países periféricos pelos centros de poder. Articula-se em torno de uma nova teorização (inter-) que supra as falhas e fraturas do projeto multicultural, de modo que o interculturalismo propicie o enfraquecimento das relações de poder a favor de um posicionamento mais solidário. Para tanto, corroboram diversas vozes críticas que têm se dedicado a pensar essas relações conflituosas como resquícios do período colonial, revisando a herança etnocêntrica e propondo modelos culturais alternativos.

## PALAVRAS-CHAVE

Interculturalismo, descentramento, negociação

Antonio Cornejo Polar em seu livro *O condor voa* desenvolve um pensamento crítico para a América andina a partir do conceito da heterogeneidade, articulado em torno da multiplicidade dessa região cultural sem reduzir suas contradições e conflitos. O mundo andino surpreende por sua diversidade étnica, linguística e cultural, configurando uma zona de contradições e simultaneidades que registra paradoxalmente um histórico de confrontos e diálogos interculturais. Assim, o conceito de nação construído ao longo dos séculos pelas nações europeias não atende ao complexo mundo andino, que ultrapassa fronteiras e transgride a noção de identidade como similaridade. O pensamento de Cornejo Polar pode também ser aplicado às nações modernas, cuja formação põe em xeque conceitos como unidade e totalidade e faz emergir uma nova elaboração discursiva frente a um mundo transnacionalizado.

O mundo andino pode ser pensado como exemplo de uma efervescente zona cultural, que vem construindo formas de representação e de teorização a partir de uma

rede de relações entre povos e culturas distintos que, conforme assinalamos anteriormente, não coincidem com as fronteiras nacionais. A heterogeneidade envolve, portanto, uma reflexão em torno do aspecto multicultural das nações modernas, focando o processo de aproximação e negociação entre elementos díspares. O conceito sugere uma nova forma de pensamento que engendra uma revisão crítica das relações entre nações e culturas ainda marcadas por uma situação de dependência e inferiorização dos países periféricos pelos centros de poder.

A teorização de Cornejo Polar expressa a problemática que envolve a formação compósita das nações modernas que foram projetadas a partir de um modelo europeu, cujo desenho não comportou o ideal de ordenamento e fixidez eurocêntrico. O conceito expressa uma voz dissonante aos projetos europeus de construção dos Estados nacionais, contrapondo ao ideal de homogeneização nacional noções como desterritorialização e desenraizamento. A heterogeneidade conduz a um processo de constante deslocamento, sugerindo uma nova forma de pensar o mundo e suas relações através do movimento da complementaridade.

O deslocamento, sugerido no ensaio de Ricardo Piglia “Una propuesta para el nuevo milenio”, expressa uma importante categoria reflexiva para o nosso século. O crítico dialoga e complementa o trabalho de Italo Calvino, intitulado *Seis propuestas para el próximo milenio*, o qual o deixa incompleto ao expor somente cinco proposições: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. Essa sexta proposta agregada ao texto de Calvino corrobora a uma leitura do mundo como lugar de trânsitos e relações, conforme indica Piglia no seguinte excerto:

Me parece, entonces, que podríamos imaginar que hay una sexta propuesta. La propuesta que yo llamaría, entonces, la distancia, el desplazamiento, el cambio de lugar. Salir del centro, dejar que el lenguaje hable también en el borde, en lo que se oye, en lo que llega de otro.<sup>1</sup>

O deslocamento proposto implica uma movimentação do centro em direção às margens, de modo a abalar a fixidez das fronteiras nacionais e reformular a identidade nacional. Deslocar implica estabelecer outros contatos, outras redes, que alcancem

---

<sup>1</sup> “Parece-me, então, que poderíamos imaginar que há uma sexta proposta. A proposta que eu chamaria, então, a distância, o deslocamento, a mudança de lugar. Sair do centro, deixar que a linguagem fale também na margem, no que se ouve, no que chega do outro.” PIGLIA. Una propuesta para el nuevo milenio. (tradução minha).

também as vozes marginalizadas, cedendo lugar ao outro como elemento importante no processo de formulação de teorias e ideias.

É importante ressaltar o deslocamento como um conceito fomentado pelas incômodas e confrontantes atitudes das nações periféricas, que passam a contestar os modelos hegemônicos impostos desde o período colonial, elaborando discursos alternativos que possam melhor exprimir suas contradições, suas “impurezas”, sua heterogeneidade. Nesse sentido, a produção crítica e teórica de intelectuais da América Latina e da diáspora africana se destaca na publicação de trabalhos que discutem as novas formações nacionais e identitárias. Seus estudos expõem uma grande sensibilidade e maturidade, desenvolvendo teorias que respondam às ansiedades e aos problemas do mundo pós-moderno, que não podem ser explicadas pelos antigos paradigmas centralizantes, antagônicos e fechados.

Ademais, o discurso crítico produzido por essas nações periféricas tem conquistado espaço nos antigos centros culturais, de sorte que muitos intelectuais das ex-colônias têm atuado no espaço acadêmico das antigas metrópoles, publicando obras na língua do colonizador e, ao mesmo tempo, contestando a posição etnocêntrica. Esse intelectual em trânsito desmistificou o ideal de pureza defendido por muito tempo pelas nações hegemônicas europeias, apontando as contradições desse projeto etnocêntrico frente a uma realidade cada vez mais mesclada.

Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, mostra que a identidade como essência nunca existiu, de modo que o que as nações centrais apresentam seria uma pseudo-identidade nacional. Hall rompe com a ideia de que existiria uma identidade unificada e estável, afirmando que as identidades, de modo geral, seriam marcadas pelo deslocamento, pela descentramento e pela diferença. As identidades são formadas através de processos inconscientes que se apóiam nos discursos da representação, os quais fazem florescer um sentimento de nacionalidade. Diante disso, nenhuma nação estaria apta a divulgar uma identidade nacional inata, pois ela se constrói por meio de um longo e contínuo processo histórico, ou seja, não se constitui como um traço genético. Citando Hall:

A identidade plenamente unificada, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis,

com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.<sup>2</sup>

Assim, a maioria das nações, incluindo as nações ocidentais hegemônicas, seria formada por meio de um processo impositivo, e, como resultado de uma conquista violenta, muitos povos e culturas teriam sido desmantelados. Portanto, em sua origem, encontram-se marcas de grupos sociais e étnicos bastante variados, pois o projeto de unificação se consolida a partir da supressão da diferença cultural. Segundo Hall: “A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única etnia. As nações modernas são, todas, híbridos culturais.”<sup>3</sup>

Essas nações híbridas impõem intensas relações interculturais, seja dentro do próprio território, dada a diversidade étnica e cultural, ou fora de suas fronteiras. Esses diálogos mostram-se cada vez mais necessários, dado o processo de globalização que impõe aproximações conflituosas em função de interesses econômicos e políticos dos grandes centros. O trânsito entre nações exhibe ainda um processo relacional ineficiente e opressivo, uma situação monológica em que se favorece apenas um desses lados. As fronteiras permanecem bastante fortes, demarcando sectarismos entre norte e sul a partir de uma situação de dependência econômica e cultural dos países periféricos. Ainda que se tenham passado mais de quinhentos anos desde os primeiros impulsos imperialistas, vê-se que pouco se avançou nas relações humanas e que ainda sobrevivem muitos resquícios da relação colonial.

para se pensar os problemas de convívio entre nações e culturas, a teoria de Jacques Derrida sobre a hospitalidade pode responder a muitas inquietações do mundo pós-moderno. O teórico elabora a relação hóspede e hospedeiro no seguinte trecho de seu livro *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*:

(...) como se o estrangeiro, então, pudesse salvar o senhor e o libertar o poder de seu hóspede: é como se o senhor estivesse, enquanto senhor, prisioneiro de seu lugar e de seu poder, de sua ipseidade, de sua subjetividade (sua subjetividade é refém). É mesmo o senhor, o convidador, o hospedeiro convidador que se torna refém – que sempre o terá sido, na verdade. E o hóspede, o refém convidado (*guest*), torna-se convidador do convidador, o senhor do hospedeiro (*host*). O hospedeiro torna-se hóspede do hóspede. O hóspede (*guest*) torna-se hospedeiro (*host*) do hospedeiro (*host*).

---

<sup>2</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 13.

<sup>3</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 62.

Essas substituições fazem de todos e de cada um refém do outro. Tais são as leis da hospitalidade.<sup>4</sup>

Derrida elabora a relação hóspede e hospedeiro a partir de um movimento solidário em que esses papéis se misturam, se confundem, a ponto de não haver mais hierarquias, imposições ou estranhamentos. A hospitalidade engendra uma relação de respeito, em que o movimento de “lançar-se ao outro” implica a *performance* do suplemento, que põe em xeque a ideologia de dominação e supressão da alteridade. A hospitalidade engendra a possibilidade de diálogo através de um posicionamento de não reverência e submissão ou de dominação do outro.

O pensador argelino desenvolve a teoria da hospitalidade em torno da discussão entre a hospitalidade condicional, que seria regida por leis, por códigos éticos, morais e políticos, e a incondicional, que se baseia na falta de ordem, de dever, de lei. A hospitalidade, segundo Derrida, deveria ser construída entre essas duas instâncias, libertando-se de um caráter dominador e repressivo, mas também da elaboração meramente utópica e abstrata. Nesse intermédio, hóspede e hospedeiro se beneficiam e relações de poder são quebradas, pois uma aproximação mais solidária se reconfigura na negociação entre o estranho e o familiar, o público e o privado, o eu e o outro, a margem e o centro.

O conceito derridiano deshierarquiza as relações, sugerindo uma flexibilização das fronteiras através de um movimento de trocas e doações. Destarte, a relação do eu com o outro se constrói no respeito à língua e à cultura desse outro, esforço contínuo que exige um intenso exercício de tradução cultural. Portanto, substitui-se o ato violento de imposição de uma língua considerada superior, atividade comum nas relações coloniais em que se condenava toda a produção autóctone a um rótulo de bárbara.

A tradução surge nesse contexto como uma aliada ao processo de negociação, como necessária ao entendimento. Vale, portanto, retomar a imagem mítica babilônica que Jacques Derrida utiliza em *Torres de Babel* para construir sua teoria sobre a tradução. A Babel é a imagem do confronto, da diversidade, da alteridade que se faz sentir através de uma confusão de vozes e sujeitos. Uma Babel envolve encontro e desencontro, desentendimento e tradução.

A tradução funcionaria em Babel como uma possibilidade de aproximar e confrontar as diferenças, de formar “alianças”, sem que a cidade sucumba ao caos.

---

<sup>4</sup> DERRIDA. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*, p. 109.

Dessa forma, a tradução atuaria como forma de garantir a paz e o entendimento, sem que privilegiasse ou anulasse quaisquer dos seus constituintes. Derrida aponta como saída o movimento de amor, que promoveria essa possibilidade de reconciliação, de harmonia, de aliança:

É entre os modos que a tradução deve procurar, produzir ou reproduzir uma complementaridade ou uma “harmonia”. E desde o momento que completar ou complementar não retorna a uma intimação de nenhuma totalidade mundana, o valor da harmonia convém a esse ajustamento, àquilo que se pode chamar aqui o acordo das línguas. Sair e sobretudo desenvolver, fazer crescer. Sempre segundo o mesmo motivo (de aparência organicista ou vitalista) dir-se-ia então que cada língua está como que atrofiada na sua solidão, magra, parada no seu crescimento, enferma. Graças à tradução, dito de outra forma, a essa complementaridade lingüística pela qual uma língua dá a outra o que lhe falta, e lho dá harmoniosamente, esse cruzamento das línguas assegura o crescimento das línguas, e mesmo esse “santo crescimento das línguas” “até o termo messiânico da história”. Tudo isso se anuncia no processo tradutor, através da “eterna sobrevida das obras” ou o “renascimento infinito das línguas”. Essa perpétua revivescência, essa regeneração constante pela tradução, é menos uma revelação, a revelação ela mesma, que uma anunciação, uma aliança e uma promessa.<sup>5</sup>

O mito babélico pode ser associado ao conceito de bilinguajamento, do qual fala Walter Mignolo em *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento laminar*. O trabalho tradutório não propõe a união das diferenças, mas uma maior aproximação e articulação entre as mesmas. A teoria de Derrida e a de Mignolo fornecem uma leitura similar, ambas pressupõem um encontro entre margem e centro, hegemônico e subalterno, senhor e escravo.

Mignolo registra um tom utópico ao falar do bilinguajamento, um lugar onde se poderia falar a língua do poder e a do subalterno, um lugar que convive com diferentes saberes e sujeitos culturais. Sua teoria versa sobre o entendimento entre sujeitos, línguas e culturas diferentes, entendimento que levaria ao rompimento de antigas relações de dominação e subordinação. Nas palavras de Mignolo:

O amor é o corretivo necessário à violência dos sistemas de controle e opressão. Bilinguajar o amor é o horizonte utópico final para a libertação de seres humanos envolvidos em estruturas de dominação e subordinação além de seu controle. Enquanto o estado-nação promove o amor para com as línguas nacionais, o amor do bilinguajamento nasce das e nas periferias das línguas nacionais e nas experiências transnacionais.

---

<sup>5</sup> DERRIDA. *Torres de Babel*, p. 67-68.

Tal é o tipo de amor que venho tentando articular com a noção de amor inscrito no bilinguajamento: o amor pelo lugar entre línguas, o amor pela desarticulação da língua e pelas línguas subalternas, amor pela impureza das línguas nacionais, e o amor como corretivo necessário à “generosidade” do poder hegemônico que institucionaliza a violência. É o amor por tudo que é repudiado pelas culturas do conhecimento acadêmico, cúmplices com as heranças coloniais e com as hegemônias nacionais.<sup>6</sup>

A teoria do bilinguajar substitui o antigo projeto de civilizar, seria uma resposta aos “bárbaros projetos civilizatórios” que impunham ordens, leis e crenças no intuito de formar uma nação. Mignolo desconstrói a ideia de que as nações devem ser formadas a partir de conceitos que pregam a hegemonia e a unidade. A teoria de Mignolo sobre os Estados-nações distingue do projeto civilizatório no que diz respeito ao uso da violência; o bilinguajamento seria uma forma de protestar contra a violência empregada nos projetos nacionalistas, que justificam o uso da mesma para impor o fim da desordem e a soberania nacional.

Mignolo ainda propõe o bilinguajamento no campo do saber, valorizando outros saberes e outras línguas e articulando uma aproximação dos mesmos com o saber canonizado e as línguas hegemônicas. Mignolo mostra que essa ruptura propiciaria uma quebra de heranças coloniais que se mantêm dada a supervalorização de um tipo de saber e de um tipo de cultura que demarcam suas raízes no período colonial.

Mignolo apresenta uma utopia humanista que discorre sobre a libertação do homem perante um mundo que ainda se divide entre dominantes e subordinados. Sua utopia fala do amor entre as línguas, do respeito e da solidariedade com o subalterno. O bilinguajamento pressupõe respeito às diferenças e às particularidades dos Estados-nações nas relações nacionais e transnacionais, condenando tentativas de neutralização da alteridade.

Ao propor como corretivo à “barbárie civilizatória” a palavra amor, Mignolo e Derrida se aproximam. Em suas formulações teóricas subjaz um posicionamento reformulador das relações humanas, substituindo a intolerância e o desrespeito pela negociação e solidariedade. Esse movimento amoroso induziria à “reconciliação entre as línguas”,<sup>7</sup> processo que garantiria o crescimento das línguas e das culturas através de uma atitude de complementação, salvando-as de uma posição de exílio e isolamento,

---

<sup>6</sup> MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento laminar*, p. 371.

<sup>7</sup> DERRIDA. *Torres de Babel*, p. 64.

pois: “Se o original chama um complemento, é que na origem ele não estava lá sem falta, pleno, completo, total, idêntico a si. Desde a origem do original a traduzir, existe queda e exílio.”<sup>8</sup>

Em consonância com esse debate em torno da necessidade de tradução cultural, Boaventura, em *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*, elabora um conceito que dialoga com as ideias apresentadas anteriormente. O conceito denominado hermenêutica diatópica parte da premissa de que todas as culturas sejam incompletas, precisando, portanto, de um diálogo intercultural, em que diferentes saberes, culturas e tradições sejam confrontados com o objetivo de acordar um benefício mútuo. A hermenêutica diatópica projeta um tipo de relação que rompe com as hierarquias, a discriminação e o isolamento entre os povos.

Para tanto, propomos o exercício tradutório como uma etapa emancipadora no confronto com as diferenças. As nações modernas inegavelmente já se entendem como multiculturais, no entanto, o prefixo “multi” só confirma o que a genealogia dessas nações já comprovou, ou seja, que “As nações modernas são, todas, híbridos culturais.”<sup>9</sup> O multiculturalismo não garante um convívio harmonioso entre os povos, muitas vezes conduz a uma atitude de “tolerância” da diferença, o que não implica avanços efetivos no processo de socialização do mesmo como outro. Tolerar, pois, não significa entendimento, o que pode inclusive fortalecer de forma mascarada uma sensação enganosa de equidade, uma harmonia temporária. Assim, uma atitude transformadora deveria envolver projetos *interculturais*, pois os mesmos envolveriam mudanças mais efetivas, as quais não anulam o conflito, mas através de um processo constante de negociação, promoveriam momentos de encontros entre esses povos.

A hermenêutica diatópica atenderia de forma individualizada às necessidades de cada nação, oferecendo alternativas para que essas nações não sofram padronização e não sejam inferiorizadas perante a força do globalismo hegemônico dos países dominantes. Santos reivindica esse pressuposto na seguinte passagem: “A hermenêutica diatópica pressupõe a aceitação do seguinte imperativo transcultural: temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.”<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> DERRIDA. *Torres de Babel*, p. 46-47.

<sup>9</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 62.

<sup>10</sup> SANTOS. *Reconhecer para libertar*, p. 458.



Na formação de parcerias e alianças, as nações, entre as quais se destaca o caso dos países periféricos que apresentam um histórico de submissão aos interesses políticos e econômicos dos grandes centros, devem se sentir livres para aceitar ou não as propostas de negociação, assim como desfazer tais pactos, caso não haja equação entre os interesses e os benefícios. Ademais, as nações hegemônicas têm se destacado por apresentar atitudes de “generosidade” em relação às nações dominadas, o que resulta em uma falsa acolhida e fortalece as relações de poder que originam uma situação de dependência e inferioridade.

Neste trabalho, articulamos em torno de uma nova teorização (inter-) que pudesse suprir as falhas e fraturas do projeto multicultural que, consonante com a globalização, não conseguiu operar a favor do entendimento e da negociação. O interculturalismo fomenta um tipo de atitude que possa enfraquecer as relações de poder através da equação de interesses e benefícios entre as partes envolvidas na negociação, maximizando, assim, maior movimentação e trânsito cultural.

O século 20 indubitavelmente favoreceu a emergência de grupos marginais ao modelo cultural eurocêntrico, os quais ao longo do século adquiriram maior visibilidade e importância. Contudo, muitos se fecharam entre si ou foram subestimados no confronto com as formas legitimadoras de pensamentos e comportamentos. Diante disso, um grande desafio se reconfigura no século 21 na expectativa da realização de encontros, a fim de engendrar mudanças mais efetivas na instauração de modelos mais solidários e a-centrados.

Embora o pensamento intercultural requeira ainda muita discussão, ele mostra sua validade em um mundo extremamente seccionado, guetizado e intolerante. O prefixo “inter” expressa abertura, provisoriedade, instabilidade e descentramento, características que atendem e explicam as formações híbridas. O posicionamento intercultural, através de um discurso mediador, questiona as formas essencialistas de pensar as formações culturais, as quais operam especialmente pela ruptura e eliminação da voz conflitante e produzem, pois, novas hegemonias, que podem ser geradas tanto nos centros quanto nas margens. A força crítica do interculturalismo reside simultaneamente em sua preocupação com a transgressão de fronteiras e com a criação de um outro lugar instável e provisório de trânsitos e negociações.

## ABSTRACT

This article develops a critical thought around the relations among nations; a movement marked, in our contemporary world, by dependence and demeaning of peripheral countries by the centers of power. There is the need to articulate a new theorizing (inter-) that comes to terms with the flaws and fractures of the multicultural project, in a way that interculturalism turns out to enfeeble the relations of power in favor of a more solidary positioning. To this effect, various critical voices corroborate, and they have been devoted to the rethinking of those conflictual relations, left-overs from the colonial period, by revising the ethnocentric heritage and by proposing alternative cultural models.

## KEYWORDS

Interculturalism, decenterment, negotiation

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Trad. Eduardo L. Suárez. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- CORNEJO POLAR, Antonio. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane; rev. técnica Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; trad. Adelaine la Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento laminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. *Margens/Márgenes*, Belo Horizonte, n. 2, out. 2001. Caderno de cultura.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Reconhecer para libertar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 425-461.